

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Estefania Ester Siqueira de Almeida

**APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Belo Horizonte  
2012

Estefania Ester Siqueira de Almeida

## **APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcilaine Soares Inácio Gomes

Belo Horizonte

2012

Estefania Ester Siqueira de Almeida

## **APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marcilaine Soares Inácio Gomes

Aprovado em 14 de julho de 2012.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Marcilaine Soares Inácio Gomes (Orientadora) – Faculdade de Educação da UFMG

---

Clenice Griffó (Convidada) – Faculdade de Educação da UFMG

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus todo o meu agradecimento, por suas bênçãos sempre presentes durante a construção deste trabalho e em minha vida.

A meus pais, minha gratidão. São muitos que ensinam com palavras. Eles me ensinam com exemplos.

Outras pessoas também auxiliaram-me, direta ou indiretamente, a elaborar os conhecimentos expressos neste trabalho. Gostaria de agradecer de modo especial à Profª Drª Marcilaine Soares Inácio Gomes pela excelente orientação, disponibilidade e paciência e minha irmã pela fraternal assessoria digital.

## RESUMO

Esse trabalho investigativo buscou contribuir para o desenvolvimento da capacidade de distinguir escrita de outras formas de representação gráfica entre crianças de 5 a 6 anos em uma turma do 2º ciclo de uma Unidade Municipal de Educação Infantil. Para realização deste, foram suporte para estudos alguns teóricos: Emília Ferreiro (1995), Ana Teberosky (2003), Magda Soares (2005), Antônio Augusto Batista (2005), entre outros. Tendo em vista atingir este objetivo, foram desenvolvidas algumas atividades de apropriação do sistema de escrita, utilizando como recurso a sequência didática. Os resultados permitiram a reflexão e a avaliação da ação educativa no sentido de aprofundar e redimensionar o trabalho de apropriação do sistema de escrita.

**Palavras-chave:** Escrita, alfabetização, formas gráficas e Educação Infantil.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	7
2. DESENVOLVIMENTO.....	8
2.1 Educação Infantil: primeira etapa da educação básica .....	8
2.2 O 2º Ciclo da Educação Infantil.....	9
2.3 O Ensino da Língua Escrita.....	10
2.4 O Ensino da Língua Escrita na Educação Infantil .....	15
3. PLANO DE AÇÃO .....	18
3.1 A escola e a prática de alfabetização.....	18
3.2 Caracterização da Escola .....	18
3.3 Caracterização da Turma.....	19
3.4 O Problema (Avaliação Diagnóstica).....	20
3.5 Justificativa.....	22
3.6 Objetivos .....	22
3.6.1 Objetivo Geral.....	22
3.6.2 Objetivos Específicos.....	22
3.7 Proposta de Intervenção .....	22
4. CONCLUSÃO.....	26
5. REFERÊNCIAS .....	27
6. APÊNDICES.....	28
6.1 Apêndice 1 – Escrita Espontânea (Avaliação Diagnóstica).....	28
6.2 Apêndice 2 – Escrita Espontânea envolvendo desenho .....	29
6.3 Apêndice 3 – Apresentação do calendário.....	30
6.4 Apêndice 4 – Atividade xerocada.....	31
6.5 Apêndice 5 – Identificação de figuras, letras e números no folheto de supermercado .....	32
7. ANEXOS .....	33
7.1 Anexo 1 – Jogo das argolas com as letras do alfabeto.....	33

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como tema a apropriação do sistema de escrita alfabética em especial o desenvolvimento da capacidade de diferenciação entre escrita e outras formas de representação gráfica. Para discutir o tema abordou-se a educação infantil caracterizou-se o 2º Ciclo da mesma. Tratamos também do ensino da língua escrita e como ela desenvolve-se nesse nível de ensino focalizando a prática de alfabetização na Unidade Municipal de Educação Infantil Vila Antena.

Esse estudo foi motivado pela percepção de que a maioria dos alunos de uma turma entre 5 e 6 anos da escola não distinguiam a escrita e outras formas de representação gráfica. A partir daí, foi elaborada uma proposta de intervenção no formato de uma sequência didática. Essa proposta teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento da capacidade de diferenciação entre a escrita alfabética e outras formas de representação gráfica.

O estudo e a proposta de intervenção aqui apresentados foram desenvolvidos na Unidade Municipal de Educação Infantil Vila Antena, que está localizada em uma área carente do município de Belo Horizonte, e atende à crianças em situação socioeconômica muito difícil.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Educação Infantil: primeira etapa da educação básica**

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade.

Atualmente, no Brasil, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9394/96 estabeleça, no artigo 30, que a Educação Infantil será oferecida em creches, para crianças até 3 anos, e pré-escola, para crianças de 4 até 6 anos, a realidade da educação nos estados e municípios promovem outros modelos de organização.

No caso de Belo Horizonte, desde de 1995, com a implantação da Escola Plural as crianças de 6 anos de idade são atendidas nas classes de primeiro ano do ensino fundamental. Na concepção pedagógica que sustenta tal proposta a infância engloba as crianças de zero até nove anos de idade. Na Rede Municipal de Belo Horizonte esse período da vida está subdividido em três ciclos de formação humana, dois deles na educação infantil e um no ensino fundamental.

A Educação Infantil para crianças de 0 até 6 anos foi organizada em dois ciclos de idade de formação, que juntamente com o 1º Ciclo do Ensino Fundamental compõem o ciclo da infância. Dessa forma, a infância está organizada em três ciclos e a Educação Infantil está organizada em dois ciclos:

- 1º Ciclo: crianças de 0 até 3 anos;
- 2º Ciclo: crianças de 3 até 6 anos.

Segundo as Proposições Curriculares (2009), a articulação dos ciclos da Educação Infantil com o 1º Ciclo do Ensino Fundamental busca construir um diálogo e uma continuidade na Educação Básica, sem perder características de identidade de cada nível, constituindo, pois, um desafio presente tanto para Educação Infantil como para o Ensino Fundamental.

## 2.2 O 2º Ciclo da Educação Infantil

O 2º Ciclo da Educação Infantil tem como um dos principais objetivos proporcionar que cada criança viva e experimente intensamente o mundo como criança, pois essa etapa a educação tem sentido e importância em si mesma como espaço e tempo de vivências fundamentais à formação humana e não de preparação para o ensino fundamental.

As crianças desse ciclo ampliam o seu grau de desenvolvimento e aprofundamento das capacidades e possibilidades em relação às crianças do 1º ciclo. Apresentam como avanço a construção da independência, identidade e construção da autonomia. As crianças ampliam a sua percepção do corpo, das potencialidades motoras, do mundo e de sua representação. Já é capaz de evocar sujeitos e objetos ausentes. Permanece elaborando a noção de espaço e de tempo. Demonstra ampliação da linguagem oral e diferentes formas de expressão, incluindo o desenho, constrói hipóteses sobre a leitura e escrita. Faz marcas elaboradas no papel com intencionalidade (Proposições Curriculares, 2009).

A criança de 3 até 6 anos necessita e gosta de brincar, de alimentar-se, de falar de si, de ouvir e recontar histórias e de expressar-se através de várias linguagens. O conhecimento, nessa fase, se dá basicamente por meio da ação, da interação da criança com o seu mundo social, da brincadeira, da imaginação, do faz de conta e bem como ampliação de suas possibilidades de elaborar novos conhecimentos (Proposições Curriculares, 2009).

Isso se dá através de linguagens expressivas que dialogam com a afetividade, com a emoção e linguagens simbólicas, que permitem a criança desvendar o mundo a sua volta. Assim, desenvolver a linguagem corporal, musical, plástica, a linguagem do faz de conta, a dramaturgia, bem como a linguagem escrita e falada, constituem o principal cenário no qual se promove o encontro entre educadores e alunos de 3 a 6 anos (Proposições Curriculares, 2009).

## 2.3 O Ensino da Língua Escrita

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica (SOARES, 2005). Para uma proposta de alfabetização, há que se buscar subsídios nos estudos e pesquisas de Emília Ferreiro (1995) e Ana Teberosky (2003). Com base na teoria de Piaget, elas descrevem o processo pelo qual a criança aprende a ler e escrever e mostram que, para aprender a língua escrita, a criança precisa construir respostas para duas questões: o que a escrita representa e como ela representa.

Nesse processo, a criança procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta. E, interagindo com a escrita, busca regularidade, constrói sistemas de interpretação, pensa, raciocina, inventa, coloca a prova suas antecipações, reinventa o idioma escrito, esse objeto social particularmente complexo. Não quer dizer que a criança reinventa as letras, mas que, para poder se servir desses elementos como componentes de um sistema, deve compreender seu processo de construção e regras de produção (FERREIRO, 1995; TEBEROSKY, 2003).

A criança chega à escola com notável conhecimento da língua materna, um saber linguístico que utiliza inconscientemente, nos seus atos cotidianos de comunicação. No meio urbano e familiar ela está exposta a influência de uma série de ações que envolvem a escrita. Por isso, algumas crianças chegam à escola sabendo mais do que outras; suas conceituações possuem uma lógica interna que as torna explicáveis e compreensíveis sob um ponto de vista psicogenético, mas é necessário que o educador saiba perceber esses fatos.

Um educador que desenvolve o seu trabalho de acordo com essa teoria, deve, primeiramente, identificar o nível de apropriação linguística de cada criança e, a partir daí, promover atividades ricas, prazerosas e desafiadoras que lhe deem oportunidades para interagir com a linguagem escrita e construir conhecimento.

Emília Ferreiro (1995) e Ana Teberosky (2003) em suas pesquisas descrevem como a criança reconstrói o sistema de escrita e se apropria dessa linguagem. Nessa reconstrução as crianças elaboram diferentes hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita – com quantas letras se escreve uma palavra, quais são elas e em que ordem elas aparecem.

Na fase em que a criança adota o critério de que, para escrever, é preciso uma quantidade de letras (no mínimo três) diferentes entre si, a hipótese é considerada pré-silábica. Quando passa a registrar uma letra para cada emissão sonora, a criança está no nível silábico – inicialmente sem valor sonoro e depois com a correspondência sonora nas vogais e/ou nas consoantes. Na hipótese silábico-alfabética, as escritas incluem sílabas representadas com uma única letra e outras com mais de uma letra. E, finalmente, quando começa a representar cada fonema com uma letra, considera-se que a criança compreende o princípio alfabético de nossa escrita. No entanto, mesmo nessa fase, as crianças ainda apresentam erros de ortografia.

Na elaboração dessas hipóteses em relação ao sistema de escrita, as crianças também precisam adquirir conhecimentos para compreensão das regras que norteiam a leitura e a escrita no sistema alfabético, bem como a ortografia da língua portuguesa (BATISTA, 2005). Aqui estão apresentadas algumas capacidades importantes para apropriação do sistema de escrita alfabética.

### **Compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas**

No início da alfabetização, é primordial que o aluno faça a distinção entre formas escritas e outras formas gráficas de expressão. Essa construção não é óbvia e precisa ser desenvolvida em sala, em situações que levem as crianças a diferenciar entre: letras e desenhos; letras e rabiscos; letras e números; letras e símbolos gráficos.

### **Dominar convenções gráficas**

Outros aspectos importantes que também devem ser compreendidos logo no início da alfabetização são os seguintes: 1 - nossa escrita se orienta de cima para baixo e da esquerda para a direita; 2 - há convenções para indicar a delimitação de palavras (espaços em branco) e frases (pontuação).

Os princípios de organização da escrita parecem “naturais” para quem é alfabetizado, mas podem ser uma novidade nunca imaginada para a maioria das crianças que vão à escola pela primeira vez.

Um outro ponto é a organização do sistema alfabético que está relacionado com o fato de que a linearidade da escrita tem características diferentes da fala. Para um leitor, esse conhecimento parece ser muito simples, automático. Entretanto,

para quem está iniciando sua alfabetização, situações decorrentes desse fato podem ainda não ser percebidas e representar muita dificuldade.

### **Reconhecer unidades fonológicas como sílabas, rimas, terminações de palavras, etc.**

Na língua falada, as pessoas em geral, preocupam-se apenas com o assunto e não costumam dar atenção aos sons que produzem. Às vezes, por alguma necessidade comunicativa, elas enfatizam algumas partes sonoras das palavras, por exemplo, silabando ou brincando com rimas e aliterações. No entanto, para aprender a ler e escrever com autonomia, o ponto indispensável é ser capaz de operar racionalmente com unidades sonoras de apreensão mais difícil – os fonemas e com as complexas relações entre fonemas e o modo de representá-los graficamente.

### **Conhecer o alfabeto**

Na fase inicial da alfabetização, a importância da aprendizagem do alfabeto está principalmente na necessidade do aluno discriminar e saber os nomes das letras. E, também ter como conhecimento básico a regra geral de que o nome de cada letra tem relação com pelo menos um dos “sons” da fala que ela pode representar na escrita. Isso é verdade para a maioria dos casos (a, bê, cê, dê, ê, efe, etc.); as exceções são poucas e de uso menos frequente (h, y, w, por exemplo). Como consequência, o domínio do nome das letras pode auxiliar na leitura, na compreensão da grafia das palavras.

Outros pontos relevantes no conhecimento do alfabeto são: compreender a categorização gráfica e funcional das letras; conhecer e utilizar diferentes tipos de letras (de fôrma e cursiva).

Para o conhecimento do alfabeto é importante que o aluno compreenda que as letras variam na forma gráfica e no valor funcional. As variações gráficas seguem padrões estéticos, mas são também controladas pelo valor funcional que as letras têm. As letras desempenham uma determinada função no sistema, que é a de preencher um determinado lugar na escrita das palavras. Dessa forma, é preciso conhecer a categorização das letras, tanto no seu aspecto gráfico, quanto no seu aspecto funcional (quais letras devem ser usadas para escrever determinadas palavras e em que ordem).

Há também alguns estudos em relação a qual tipo de letra deve-se usar no início da alfabetização. De acordo com esses estudos, é recomendado o uso exclusivo de letras de fôrma maiúsculas nos primeiros momentos da alfabetização, pelo menos até que o aluno passe a identificar todas as letras e tenha desenvoltura na escrita das palavras.

### **Compreender a natureza alfabética do sistema de escrita**

Não são todos os sistemas humanos que são “alfabéticos” e nem todos grafam os “sons” da língua falada.

Um sistema de escrita é alfabético quando seu princípio básico é o de que cada “som” é representado por uma “letra”. A história da invenção da escrita e a existência de diferentes sistemas de escrita mostra que a correspondência som-letra, nem é óbvia e natural, nem a única possível. Isso quer dizer, que algumas crianças imaginam que a escrita do português seja ideográfica ou silábica, por exemplo.

O aprendizado da compreensão da natureza alfabética representa um avanço muito grande no processo de alfabetização, se desenvolve quando o aluno entende que o princípio geral que regula a escrita é a correspondência “letra-som”, ou, em termos técnicos mais apropriados, grafema-fonema.

Isso significa compreender a natureza alfabética do sistema de escrita e se manifesta quando a criança começa a tentar ler e escrever de acordo com o princípio alfabético (uma “letra” para cada um “som”).

### **Dominar as relações entre fonemas e grafemas**

Apropriar-se do sistema de escrita depende fundamentalmente de compreender um princípio básico que o rege: os fonemas, unidades de som, são representados por grafemas na escrita. Grafemas são letras ou grupo de letras, entidades visíveis e isoláveis. Exemplo: a, b, c são grafemas; qu, rr, ss, ch, lh, nh também são grafemas. Os fonemas são as entidades elementares da estrutura fonológica da língua, que se manifestam nas unidades sonoras mínimas da fala. Há regras de correspondência entre fonemas e grafemas, e essas regras são variadas, ocorrendo algumas relações mais simples e regulares e outras mais complexas, que dependem da posição do fonema-grafema na palavra (são posicionais), ou dos fonemas/grafemas que vêm antes ou depois (são contextuais).

### (I) Dominar regularidades ortográficas

Uma vez compreendida a natureza alfabética do sistema, ou seja, quando o aluno demonstrar ter compreendido que as unidades menores da fala são representadas por letras, o processo de alfabetização precisa se orientar pela abordagem sistemática das relações entre grafemas e fonemas, no sentido do domínio da ortografia do português. Essas relações, na maior parte dos casos, não são biunívocas (isto é, não há um só grafema para representar determinado fonema, o qual, por sua vez, só pode ser representado por aquele grafema) e, além disso, elas envolvem diferentes graus de dificuldade.

### (II) Dominar irregularidades ortográficas

As maiores dificuldades para o aprendiz dominar o sistema ortográfico do português se devem ao fato de haver, por um lado, fonemas que, mesmo quando em contextos idênticos, podem ser representados por diferentes grafemas e, por outro lado, casos em que um mesmo grafema, também em contextos idênticos, pode corresponder a diferentes fonemas. Esses casos são difíceis pela impossibilidade de se formular uma regra geral, já que não há como buscar apoio nem na posição nem no contexto.

Dessa forma, dominar a tecnologia da escrita, desenvolver esse conjunto de capacidades necessárias no processo da apropriação do sistema convencional da escrita, ou seja, alfabetizar é uma condição necessária para que a criança aprenda a ler e a escrever, mas não é suficiente para que ela domine os usos e as funções sociais da escrita no mundo que a rodeia.

Então, pode-se concluir que, atualmente, a alfabetização não é mais suficiente. A sociedade atual, muito grafocêntrica, isto é, centrada na escrita, exige também saber utilizar a linguagem escrita nas mais diversas situações em que esta é necessária em nossa sociedade.

É para essa nova demanda de entrada no mundo da escrita que se criou uma nova palavra, letramento. O conceito designa: o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita (SOARES, 2005).

## 2.4 O Ensino da Língua Escrita na Educação Infantil

É fundamental para o professor o reconhecimento de que escrever é um processo ativo e não passivo, importante para a criança no desenvolvimento do seu pensamento e na construção de conhecimentos, além de instrumento de acesso para o significado do mundo ao qual está inserida (Proposições Curriculares da Educação Infantil – PBH, 2009). Assim:

Reconhecer, valorizar e acompanhar as ideias infantis sobre a escrita e a leitura é um aspecto fundamental, mas não podemos parar por aí. Além de alimentar, instigar e intervir nesse processo, precisamos também envolver ativamente as crianças em práticas reais de uso da linguagem escrita. Pois tais práticas sociais constituem os fins do trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil (Proposições Curriculares da Educação Infantil - PBH, 2009).

As crianças estão em constante vivência com a linguagem escrita, portanto a escola deve oferecer a elas uma aproximação com essa linguagem em toda sua complexidade, sem criar um universo diferente. Dessa forma, todos os alunos vivenciarão práticas de uso da escrita e aprenderão conceitos importantes, embora em distintos graus de profundidade.

De acordo com Teberosky e Colomer (2003), trata-se do contato com material gráfico impresso na exploração dos princípios básicos da organização da escrita, suas convenções e suas funções a partir da aglutinação de grande diversidade de materiais e de atividades capazes de sensibilizar a criança com o meio escrito.

A apropriação da linguagem escrita está relacionada à experiência que as crianças estabelecem com leitores e escritores e também à sua participação compartilhada em atividades de leitura e produção de textos, nas quais podem aprender expressões próprias da linguagem dos livros; de outro modo, para que a criança se aproprie da escrita é necessário que participe de situações em que a linguagem escrita adquira significado.

Adultos e crianças vivem em uma sociedade em que muitas das ações são dirigidas pela escrita, seja para informar, entreter, guiar ações, entre tantas outras. Nos contextos de uso, a escrita aparece sob diferentes formas, como cartazes, rótulos, jornais, placas, folhetos, revistas, calendários, entre outros, e em diferentes

gêneros textuais. Se as crianças aprendem sobre a escrita elaborando e pondo à prova suas hipóteses, é importante lembrar que essas hipóteses são influenciadas pela qualidade do material sobre o qual são formuladas.

Para Teberosky e Colomer (2003), é preciso trabalhar a escrita dos espaços urbano e doméstico. Valorizar, assim atividades que permitam que as crianças prossigam em suas experiências extra-classe, ampliando suas capacidades. Trata-se de escritos que pertencem à vida cotidiana da criança e conversar sobre eles é criar condições para que as crianças descubram sua função e seus usos.

É necessário, também, trabalhar o escrito do meio escolar, suas características e função. Mural, chamada, calendários, livros de classe, rotinas, caderno, papel A4, quadro, giz, caneta, lápis, borracha, entre outros são suportes e instrumentos de escrita que são de conhecimento de muitas crianças no interior da escola. Dessa forma, aprender quando, para que e como usá-los se faz importante.

Nesse contexto, a presença de objetos na sala, como chamada, a rotina, o calendário, o uso do mural como suporte do material produzido e ação do professor mostrando e orientando essa utilização favorecem a atitude de escrever, mesmo antes de as crianças fazê-la convencionalmente.

As crianças no processo de aprendizagem da escrita redescobrem a representação das ideias através de desenhos, figuras e depois constroem o significado das letras combinadas em palavras, frases e textos para representar o mundo em que vivem. Trata-se de um longo caminho progressivo que se inicia pelos primeiros rabiscos de imitação e chega à combinação simbólica e arbitrária de sinais e significados que abre as portas para o mundo letrado.

Um recurso importante no processo de aprendizagem da língua escrita na educação infantil é o trabalho com o nome próprio, material alfabetizador de grande significado. Aprender a escrever o nome próprio é aprender algo muito especial, porque o nome faz parte da própria identidade (FERREIRO, 1995). Do ponto de vista de sua função na psicogênese da língua escrita tem-se enfatizado sua importância como “primeira forma escrita dotada de estabilidade”. Utilizar o nome próprio para ajudar a criança a avançar na aprendizagem da língua escrita é de grande valia.

O trabalho com o fichário de nomes deve ser a linha mestra do início da construção da criança sobre a língua escrita. Com o nome próprio de todos os alunos da classe, o professor pode acelerar o processo de alfabetização

identificando-os, comparando-os e construindo conhecimentos. Nenhum outro material possui a concretude do nome próprio.

Outro recurso didático adequado no trabalho com a língua escrita na educação infantil é a produção de textos. O professor deve escrever junto e para os alunos. Eles vão falando, o professor vai registrando no quadro e interferindo na qualidade textual explicitando sempre suas decisões (o que se diz e faz parte, ou não, do texto; o que se deve escrever; do escrito e do que falta, por exemplo). Depois, coloca-se o texto no mural da sala. Na prática pedagógica deve-se fazer um planejamento misturando e diversificando os tipos de textos, de tal maneira, que durante certo tempo, os alunos entrem em contato com vários textos.

Desempenhando o papel de escriba, o professor ajuda as crianças a diferenciar entre dizer e dizer para ser escrito (em termos de conteúdo), a controlar a extensão da emissão ditada, a repetir de forma literal, a recuperar a ordem sequencial da emissão, a diferenciar entre o já está escrito e o que ainda não está escrito, enfim, a ajustar a linguagem oral e a escrita (TEBEROSKY & COLOMER, 2003).

### **3. PLANO DE AÇÃO**

#### **3.1 A escola e a prática de alfabetização**

Para a realização do referido trabalho investigativo foi escolhido um campo de pesquisa, a Unidade Municipal de Educação Infantil Vila Antena (UMEI – Vila Antena). Essa escola é lócus da educação e corresponde ao espaço destinado à aprendizagem nas suas variadas dimensões, onde são exploradas diversificadas formas de linguagem, entre elas a escrita, envolvidas no processo de evolução do conhecimento. Além de representar o lócus apropriado para confrontar as informações adquiridas através dos aportes teóricos sobre apropriação do sistema de escrita alfabética com a realidade da prática pedagógica.

#### **3.2 Caracterização da Escola**

##### **Identificação**

Nome: Unidade Municipal de Educação Infantil Vila Antena

Endereço: Rua Flor do Oriente, 137 – Bairro Jardim Alvorada

Cep: 30.810-420

Escola Núcleo: Escola Municipal Júlia Paraíso

A UMEI Vila Antena nasceu da necessidade das mães trabalhadoras da região ter um lugar para “deixar” suas crianças. A cada ano crescia o número de mulheres que precisavam trabalhar para contribuir no orçamento de suas casas. Nas proximidades da Vila das Antenas não havia creche da Prefeitura de Belo Horizonte. Diante dessa realidade a Associação dos Moradores da Vila das Antenas, através de sua presidente Maria das Graças Alves Pereira, a dona Rosinha, se organizou e no orçamento participativo 2001/2002 conseguiu a construção da creche.

Em 2003, iniciou-se a construção. E em 2004 a Prefeitura de Belo Horizonte resolveu transformar a “creche Vila Antena” em uma Unidade Municipal de Educação Infantil, pois neste ano inaugurava na cidade suas primeiras “UMEIS”. Em junho de 2004 começou a receber os primeiros educadores e a fazer as inscrições para o atendimento das crianças. A procura por vagas e os conflitos ocasionados no sorteio das mesmas demonstraram a necessidade e a importância desta escola para esta comunidade tão carente.

A UMEI Vila Antena foi inaugurada em meados de agosto de 2004. Atende crianças de 4 meses a 6 anos, em horário integral de 7 às 17 horas e 20 minutos, e em horário parcial, com turmas no período da manhã de 7 às 11 horas e 20 minutos e a tarde de 13 às 17 horas e 20 minutos.

A UMEI Vila Antena conta com um berçário, um lactário e cinco salas de aulas pequenas, que contam com um solário. Há ainda uma sala de coordenação e a sala de secretaria foi transformada em sala de “Faz de conta” (brinquedos, livros, fantasias, jogos). Há dois banheiros infantis e dois banheiros para os funcionários.

A área externa é bem pequena. Tem um parquinho, estacionamento e horta. A área central é o refeitório e tem uma mesa para os professores. Não há sala para os professores.

A escola é bem cuidada. A limpeza é diária. Os banheiros são higienizados nos dois turnos. A cantina é clara e arejada, possuindo bons equipamentos para a preparação da merenda, que é muito saborosa e apreciada pelos alunos.

No âmbito pedagógico, vários projetos são desenvolvidos e atividades extra-classe promovidas, visando integrar a comunidade escolar, inserir os alunos na realidade, proporcionar contato com diversos ambientes e proporcionar aprendizagens significativas.

O trabalho pedagógico da escola tem como objetivo principal ampliar as capacidades dos alunos, desenvolvendo a autonomia, a compreensão da realidade, incentivando a participação e a co-responsabilidade na vida social.

### **3.3 Caracterização da Turma**

A turma investigada possui 19 alunos, sendo 13 meninos e 6 meninas, entre 5 e 6 anos. Um dos alunos (menina) possui síndrome de Down. Toda a turma já frequentava a UMEI a pelo menos um ano. A maioria dos alunos possui uma situação socioeconômica difícil; situações de moradia precárias; processos diferenciados de estruturação familiar. Os alunos são falantes, interessados pelas atividades propostas e possuem bom potencial cognitivo e psicomotor.

A maior parte da turma encontra-se na fase pré-esquemática do desenho (criação de formas conscientes da escrita) e no nível pré-silábico I da escrita (confusão entre letras, desenhos, números e outras formas de representação

gráfica). A criança nesse nível de escrita ainda não consegue diferenciar letras de desenhos ou letras de números.

Grande parte da turma também não consegue grafar o próprio nome sem modelo, possuem dificuldades em identificar numerais de 0 a 9 e estabelecer relações número/numeral.

### **3.4 O Problema (Avaliação Diagnóstica)**

A avaliação de aprendizagem é útil e necessária como recurso pedagógico, mas deve ser radicalmente transformada. É preciso refletir sobre o seu papel diagnóstico e inclusivo, sobre as condições ideais de sua realização para que ocorra de maneira consequente.

Esse procedimento avaliativo deve se ajustar à concepção de aprendizagem como processo de construção de significados e de conhecimentos, valorizando as experiências do aluno. Partindo de onde ele está, do que já sabe, fazendo com que a sua passagem pela escola tenha sentido. Enfim, é o momento em que o professor precisa fazer as seguintes perguntas: o que os alunos já sabem? O que não sabem ainda? O que precisam saber?

Para obter respostas para esses questionamentos é preciso, portanto, realizar uma avaliação diagnóstica. Isso porque diagnosticar é coletar dados relevantes, através de instrumentos que possibilitem identificar os conhecimentos adquiridos pelo aluno, tendo em vista as capacidades que se pretende avaliar, em relação a determinado objeto de conhecimento (FRADE, 2005).

Dessa forma, realizei uma avaliação diagnóstica na turma investigada para levantamento de informações sobre o que conheciam da escrita. Num primeiro momento, foi pedido que se sentassem em roda para conversarem um pouco. Então, comecei a lançar algumas questões:

- Observem a sala e apontem onde há coisas escritas;
- Para que serve a escrita?
- Onde encontramos a escrita?
- Para escrever o que precisamos?

A sala possui a rotina, chamada, calendário, alfabeto, números/numerais, alguns desenhos das crianças e atividades desenvolvidas fixados na parede ou no mural da sala.

A maioria das crianças apontou para todos esses registros sem distinção. Responderam satisfatoriamente para que serve a escrita e onde a encontramos. Mas, para responder o que precisamos para escrever, disseram que precisamos de lápis, caneta, canetinha. Então reformulei a pergunta: Para formarmos uma palavra, o que precisamos? A mesma resposta persistiu.

Num segundo momento, pedi que voltassem para seus lugares, distribuí folhas contendo figuras xerocadas retiradas de revistas e pedi que cada um escrevesse o nome dessas figuras do seu jeito; como pensavam que fosse escrito o nome de cada figura (Apêndice 1).

Nessas escritas, a maioria das crianças usou letras, desenhos e outras marcas gráficas. Então, percebi diante daqueles dois momentos distintos que a maioria da turma não diferenciava a escrita de outras formas de representação gráfica.

De acordo com Batista (2005) um aspecto fundamental para os momentos iniciais da alfabetização é que o aluno faça a diferenciação entre as formas escritas e outras formas gráficas de expressão. Esse também não é um saber óbvio e que necessariamente “já vem pronto” e, por isso, precisa ser trabalhado em sala de aula, em situações que levem as crianças a distinguir entre:

- (I) letras e desenhos;
- (II) letras e rabiscos;
- (III) letras e números;
- (IV) letras e símbolos gráficos como setas, asteriscos, sinais matemáticos, etc. (→, \*, +, -, =, %, @, \$).

Como se trata de conhecimento básico para a compreensão da natureza da escrita, ele precisa ser introduzido, trabalhado sistematicamente e consolidado logo no período inicial da alfabetização (BATISTA, 2005).

Esse tipo de conhecimento pode ser abordado, por exemplo, através da exploração, em livros, revistas e outros impressos, das diferenças gráficas entre o texto escrito e o desenho, entre a escrita alfabética e os ícones e sinais, muito usados atualmente, mas que não representam a pauta sonora. Quanto à distinção entre letras e números, é possível propor aos alunos que procurem saber ou

levantem hipóteses sobre a presença dos símbolos que representam os números em calendário, listas telefônicas, folhetos com preços de mercadorias, etc. (BATISTA, 2005).

### **3.5 Justificativa**

O desenvolvimento da capacidade de compreender diferenças entre a escrita alfabética e outras formas de representações gráficas faz-se necessário por se tratar de um conhecimento básico para a compreensão da natureza da escrita e um aspecto primordial para o início do processo de alfabetização. É relevante para quem atua na educação infantil a compreensão e o conhecimento que este saber não vem pronto, precisa ser ensinado, trabalhado em situações, estratégias, que levem as crianças a fazer essas diferenciações.

### **3.6 Objetivos**

#### **3.6.1 Objetivo Geral**

Contribuir para o desenvolvimento da capacidade de diferenciação entre a escrita alfabética e outras formas de representação gráfica.

#### **3.6.2 Objetivos Específicos**

- Explicitar a importância da capacidade de distinguir escrita de outras formas de representação gráfica para o processo de alfabetização;
- Identificar e aplicar atividades que contribuam para o desenvolvimento da capacidade de diferenciação entre a escrita e outras formas de representação gráfica.

### **3.7 Proposta de Intervenção**

Para desenvolver a capacidade de compreender diferenças entre escrita e outras formas de representação gráfica que está inserida no eixo Apropriação do Sistema de Escrita foram aplicadas 15 atividades.

As primeiras atividades tinham como objetivo desenvolver a capacidade de diferenciar desenho de escrita. Como foi dito anteriormente por BATISTA (2005),

esse conhecimento não é inato, tem que ser ensinado, introduzido, trabalhado com os alunos.

Foram aplicadas 6 atividades que visavam levar o aluno a perceber a diferença entre o desenho e a escrita. No entanto, serão descritas aqui somente 2 dessas atividades, visto que são muito parecidas.

### **1ª atividade: Trabalho com os livros infantis**

Entreguei um livro para cada criança, permiti que manuseassem, fizessem uma pseudoleitura (fazer de conta que estão lendo) e que recontassem a história para o colega.

Depois, pedi que cada um fosse a minha mesa para contar um pouco da história que leu. Aproveitando o contexto, abri o livro em algumas páginas aleatórias e pedi que os alunos apontassem onde havia imagem (desenho) e texto (letras). A maioria da turma respondeu bem a essa atividade fazendo as diferenciações corretamente.

Essa atividade, além de cumprir o objetivo que as crianças diferenciem imagem de textos também contribui para que as crianças leiam ou escrevam antes de saber ler ou escrever convencionalmente. É fundamental que as crianças realizem atividades de leitura e produção escrita todos os dias. É pela interação com a linguagem escrita de forma prazerosa, sem apelos excessivos nem cobranças exageradas, que irão se alfabetizar.

O aluno deve ter muitas oportunidades de leitura mesmo antes de estar alfabetizado, a fim de poder testar suas hipóteses e evoluir na apropriação do sistema da língua escrita. Os alunos precisam considerar a leitura como algo valioso e sentir capazes de ler, desde o início, tendo muitas oportunidades de agir como se fossem leitores, como se soubessem ler.

Após o término das atividades com objetivo de diferenciar desenho de escrita, pude perceber o progresso dos alunos em relação a essa capacidade. Já começavam a fazer a diferenciação. E alguns alunos evoluíram para um nível superior em relação à escrita.

### **2ª atividade: Escrita Espontânea envolvendo desenhos**

Entreguei uma folha para cada aluno e pedi que comesçassem a desenhar alguns objetos. Alguns alunos perguntaram se iriam escrever. Então, expliquei

novamente e fiz um desenho na lousa. A partir daí, entenderam e começaram a desenhar os objetos do jeito deles. Os objetos foram ditados por mim. Logo que terminaram de desenhar, pedi que escrevessem o nome dos objetos ao lado dos desenhos da forma que pensam que devem ser escritos (Apêndice 2).

Na sequência das atividades descritas acima foram propostas outras atividades que tinham como objetivo levar as crianças a perceberem a diferença entre letras e números. Quanto a essa distinção é interessante propor aos alunos que se informem ou elaborem hipóteses sobre a presença dos símbolos que representam os números em calendário, listas telefônicas, folhetos com preços de mercadoria e etc.

Foram aplicadas 2 atividades que visavam levar o aluno a diferenciar letras e números.

### **1ª atividade: Apresentação do calendário**

Apresentei o calendário para a turma. Perguntei: para que serve? O que tem no calendário? Em seguida, entreguei uma folha xerocada para cada aluno contendo um mês específico do calendário, no caso março, e acima um desenho de uma criança da turma.

Antes de iniciar a atividade fiz um quadro na lousa, para formar dois grupos – o dos números e o das letras. Depois perguntei a eles novamente, o que tinha no calendário. Eles responderam letras e números. Pedi para apontarem onde estavam os números e em seguida as letras.

Com ajuda das crianças, fui a escriba, preenchi o quadro na lousa com os números e letras do calendário do mês de março. Disse que no calendário havia letras e números e que no quadro desenhado na lousa havia duas colunas: uma para letras e outra para números. E que as letras e números deveriam ser registrados nas colunas correspondentes.

Para finalizar marcaram o calendário e coloriram o desenho do colega (Apêndice 3).

### **2ª atividade: Atividade xerocada**

Entreguei uma folha xerocada para cada aluno e a atividade começou a desenvolver-se. O primeiro momento da atividade foi verbalizado e o segundo, o registro da verbalização (Apêndice 4).

Após a finalização da 2ª etapa da sequência de atividades, constatei uma maior segurança das crianças em diferenciar as letras das outras representações gráficas.

Dando prosseguimento às atividades desenvolvidas até aqui, foram propostas algumas atividades que tinham como objetivo levar as crianças a perceberem a diferença entre letras, desenhos e números.

Foram aplicadas 2 atividades com o objetivo citado acima.

### **1ª atividade: Jogo dos Intrusos**

Desenhei na lousa um quadro e o dividi em 8 quadrados. Em cada quadrado registrei uma letra, mas em 2 quadrados fiz diferente. Em um registrei um desenho e no outro um número. E, perguntei à turma, quais eram os intrusos. Desenhei o quadro na lousa por mais 2 vezes, trocando as letras por números, depois desenhos e os intrusos. Dividi a turma entre meninos e meninas, ganharia o jogo quem identificasse mais intrusos.

### **2ª atividade: Identificação de figuras, letras e números no folheto de supermercado**

Entreguei o folheto e uma folha dividida em 3 partes para cada aluno. Eles deveriam identificar, recortar do folheto figuras, letras e números e colarem na folha separando-os em 3 grupos (Apêndice 5).

Ao fim da aplicação dessa sequência de atividades verifiquei a aprendizagem por meio de jogos e atividades escritas e percebi que a capacidade de diferenciar figuras, letras e números estava sendo desenvolvida pelos meus alunos.

#### 4. CONCLUSÃO

Os dados obtidos neste trabalho investigativo indicam que no início da alfabetização, é essencial oferecer à criança muitas oportunidades para pensar sobre a escrita, sobre o que ela representa e como funciona. Realizar diariamente atividades de escrita e aceitar as primeiras produções da criança como amostras reais de escrita, e não como puros rabiscos.

É importante que o aluno escreva do seu jeito. Quando uma criança escreve tal como acredita que deve escrever, “como se” soubesse escrever, ela aprende mais, porque está inventando formas e combinações, está pensando sobre como se escreve. O professor precisa aprender a ler essas produções dos seus alunos; isto é, precisa interpretá-las.

Os esforços iniciais da criança para compreender a escrita precisam ser valorizados e interpretados pelo professor não em termos de certo ou errado, mas tentando ver neles os processos e intenções que cada criança evidencia, os quais possibilitam a avaliação dos resultados da ação educativa.

O professor precisa compreender sobre a importância de permitir à criança o acesso à linguagem escrita, para experimentar livremente essas marcas gráficas – as letras – num ambiente estimulador. É preciso criar ricas oportunidades de interação com a linguagem escrita sem cópias da lousa.

É fundamental expor os alunos a permanentes contatos com farto material escrito escolar ou extra-escolar: jornais, revistas, propagandas, livros infantis, rótulos, listas telefônicas e de compras, folhetos, bilhetes e etc. Os alunos devem perceber a importância da escrita em nossa sociedade e se sentirem reconhecidos e valorizados em suas descobertas.

Cabe à escola oferecer ao aluno acesso a esse universo de material escrito que circula socialmente, ensinando a interpretá-los e a produzi-los. A pretensão é de que o aluno possa iniciar esse processo de construção desde o momento que entra na escola (Educação Infantil). Esse material deve ser lido pelo professor ou adulto e mostrado aos alunos, mesmo que eles não saibam lê-los sozinhos.

Dessa forma, toda criança que tem a oportunidade de participar de interações sociais mediadas pela escrita se apropriará do sistema de escrita alfabética e fará a distinção entre a escrita e outras formas de representações gráficas.

## 5. REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et al.; Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Centro de Ensino de Ciências e Matemática. **Capacidades de alfabetização**. Belo Horizonte: CEALE, 2005.

Belo Horizonte. **Proposições Curriculares da Educação Infantil. Secretaria Municipal de Belo Horizonte**. SIMED, 2009.

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Vols. 1, 2 e 3. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL LEIS e DECRETOS. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília: Imprensa Nacional, 1996.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. ed 21. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

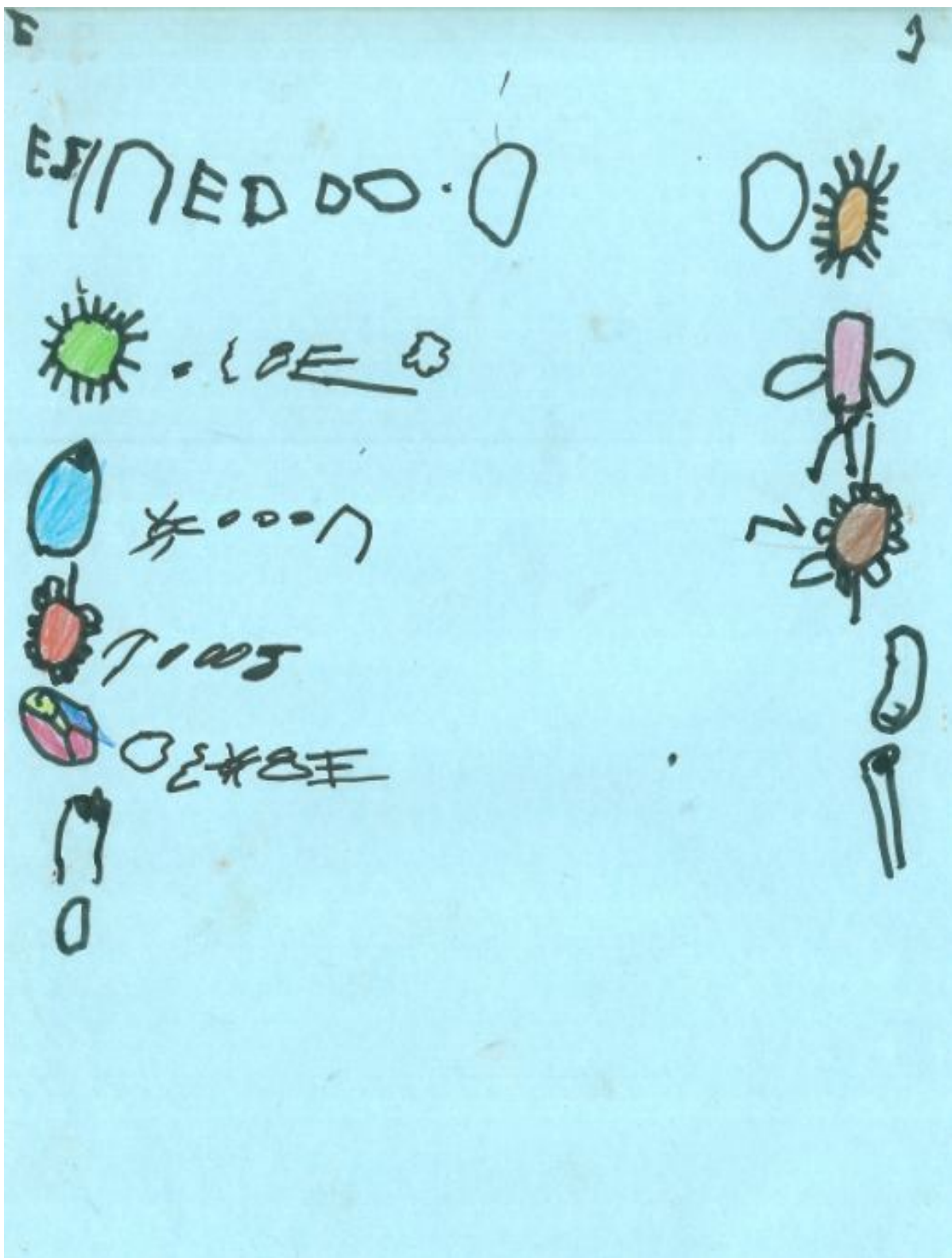
FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; SILVA, Ceris Salete Ribas da. CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA. **A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula**. Belo Horizonte: Ceale/FAE-UFMG, 2005.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. CENTRO DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA. **Alfabetização e letramento**. Belo Horizonte: Ceale/FAE-UFMG, 2005.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.




6.2 Apêndice 2 – Escrita Espontânea envolvendo desenho



6.3 Apêndice 3 – Apresentação do calendário



## 6.4 Apêndice 4 – Atividade xerocada



**UMEI**

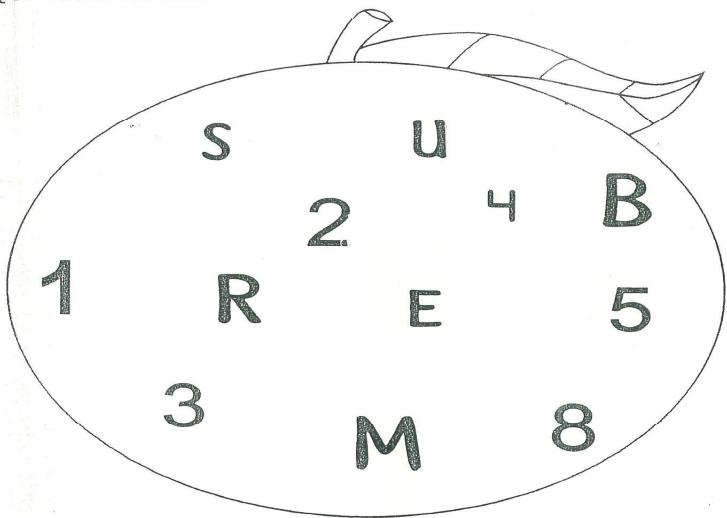
**UMEI VILA ANTENA**  
TURMA DE 5 ANOS

NOME: \_\_\_\_\_

A LARANJA DO SÍTIO DO SEU JOAQUIM NASCEU COM UMA CASCA DIFERENTE.

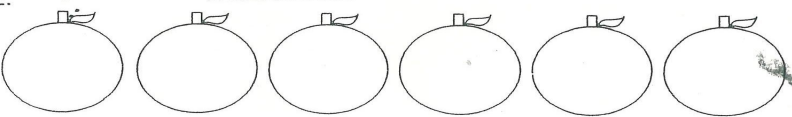
1) OBSERVE A LARANJA DO SEU JOAQUIM E RESPONDA PARA UM ADULTO:

2) O QUE HÁ NA CASCA?

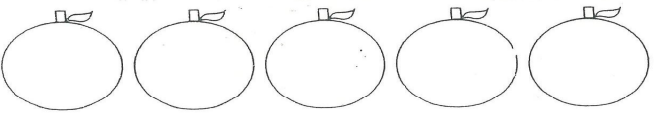


3) AGORA VOCÊ VAI ESCREVER DENTRO DAS LARANJINHAS ABAIXO O QUE SE PEDE:

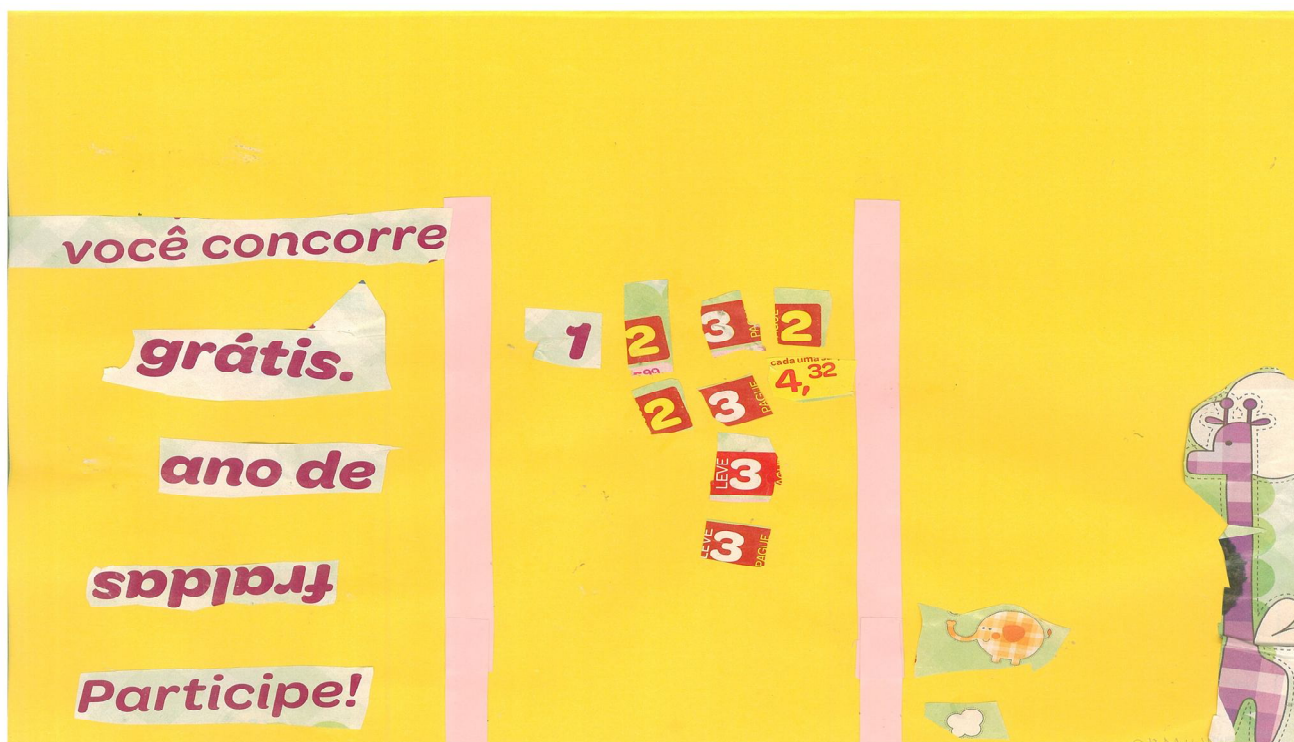
AS LETRAS



OS NUMERAIS



6.5 Apêndice 5 – Identificação de figuras, letras e números no folheto de supermercado



## 7. ANEXOS

### 7.1 Anexo 1 – Jogo das argolas com as letras do alfabeto

